

*COTIDIANO E ESTRESSE DE AVÓS  
DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA  
E DE AVÓS DE CRIANÇAS  
COM DESENVOLVIMENTO TÍPICO*

Juliana Archiza Yamashiro<sup>1</sup>  
Thelma Simões Matsukura<sup>2</sup>

resumo

O aumento da expectativa de vida e a diminuição da natalidade têm feito com que por um período de tempo mais longo as gerações possam interagir e se relacionar. Contudo, os efeitos dessa mudança contemporânea ainda têm sido alvo de poucos estudos. O objetivo do presente estudo foi identificar a experiência de avós de crianças com deficiência intelectual e de crianças com desenvolvimento típico acerca do cotidiano e das práticas de apoio exercidas no contexto familiar e sobre a percepção do estresse dentre as participantes do estudo. O estudo qualitativo e comparativo contou com a participação de doze avós de crianças com deficiência intelectual ou de crianças com desenvolvimento típico. As avós foram separadas por

---

1 Graduada em Terapia Ocupacional. Mestre em Terapia Ocupacional. Doutoranda em Educação Especial pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da UFSCar (PPGEES - UFSCar). E-mail: julianayamashiro87@gmail.com.

2 Graduada em Terapia Ocupacional. Pós-Doutora pela Faculdade de Saúde Pública da USP. Professora Adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da UFSCar. E-mail: thelma@ufscar.br.

dois grupos e responderam a uma entrevista semiestruturada e a um instrumento de avaliação de estresse. Os resultados apontaram que as avós são importante fonte de ajuda às famílias, conferindo diferentes tipos de auxílio. Além disso, de acordo com o relato das avós, estas se encontram estressadas independentemente da condição do neto, se com deficiência ou não. Reforça-se a necessidade de estudos futuros que possam ampliar a compreensão acerca do cotidiano de avós, mensurar o estresse e identificar as fontes de apoio social recebidas.

palavras-chave

Avós. Crianças com Deficiência. Estresse.

## 1 Introdução

Projeções das Nações Unidas indicam que o número de idosos na população global aumentará significativamente até o ano de 2050, alcançando o número de 2 bilhões de pessoas, o que representará 22% da população global (BRASIL, 2014; OMS, 2005). Com relação à realidade brasileira, os dados recentes divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que os idosos somam 23,5 milhões de brasileiros, o que representa mais que o dobro do número divulgado pelo instituto há 20 anos (BRASIL, 2014). Esse crescimento se dá pelo aumento da expectativa de vida, que, somada com a diminuição da natalidade, aponta para a realidade de que as famílias estão envelhecendo. Tal realidade faz com que por um período de tempo mais longo haja uma maior convivência intergeracional, o que implica diretamente no desenvolvimento da família e do indivíduo (HERÉDIA; CASARA; CORTELLETTI, 2007).

Lee e Gardner (2010), por meio de uma revisão de literatura, apontam que ao longo do tempo os avós de crianças com deficiência tornam-se envolvidos na família do neto ao prover suporte prático e emocional. No entanto, o suporte e o envolvimento dos idosos para com a família são influenciados pela proximidade entre as residências e o nível de compreensão por parte dos avós acerca da deficiência do neto. Com o objetivo de verificar as práticas de apoio exercidas no contexto familiar, Ravindram e Rempel (2011) discutem que pesquisas têm enfatizado para a preocupação vivenciada pelos avós destas famílias com os pais, com o neto com deficiência e também com o irmão da

criança doente, enfatizando assim o importante papel desempenhado pelos avós na vida de todos os membros da família e, para algumas das consequências disso, na vida dos próprios avós (RAVINDRAN; REMPEL, 2011).

Um desses importantes papéis desempenhados pelos avós de crianças com deficiência foi descrito no estudo de Matsukura e Yamashiro (2012), o qual contou com a participação de avós, mães e irmãos de crianças com disfunções físicas e revelou que os irmãos das crianças com deficiência referem desejar maior atenção por parte dos pais e que, na falta deles, as avós parecem exercer o papel de cuidado e atenção que é disponibilizada. As autoras apontam ainda que as avós descrevem o impacto da descoberta da deficiência do neto como um período de intenso sofrimento e incertezas. Além disso, a partir do relato das avós, verificaram que estas se sentem frequentemente estressadas e que deixam de lado suas próprias atividades ao servir de suporte à mãe do neto e também ao irmão mais velho (MATSUKURA; YAMASHIRO, 2012).

A literatura nacional tem sinalizado, diante das complexas realidades vivenciadas pelo idoso brasileiro, o estresse como uma questão presente em parte significativa dessa população (FORTES-BURGOS; NERI; CUPERTINO, 2009; LUFT et al., 2007; SOUZA-TALARICO et al., 2009). Sobre essa questão, Matsukura e Yamashiro (2012) apresentam a hipótese de que, além dos problemas e dificuldades causadoras de estresse comuns a essa faixa etária na realidade brasileira, como já apontado na literatura (FORTES-BURGOS; NERI; CUPERTINO, 2009), as idosas contam ainda com o fato de se ter na família uma criança com deficiência, com todas as implicações que essa realidade traz (MATSUKURA; YAMASHIRO, 2012).

Sobre o estresse vivenciado por idosos que tenham uma criança com deficiência na família, estudos internacionais desenvolvidos por Gardner e Scherman (1994) e Lee e Gardner (2010) apontam que na descoberta da deficiência da criança, os avós vivenciam sentimentos semelhantes aos dos pais como estresse, tristeza, depressão, dentre outros, e que isso pode ser exacerbado uma vez que eles têm pouco acesso à informação. Além disso, a vivência de tais sentimentos causa um impacto emocional e estrutural ao trazer desafios e redefinições do papel de ser avô (GARDNER; SCHERMAN, 1994; LEE; GARDNER, 2010).

Ao investigarem a questão do estresse em uma família de criança com síndrome de Down, Grisante e Aiello (2012), em estudo nacional, realizaram a aplicação de alguns instrumentos para a mensuração do estresse, os quais indicaram que a mãe, o pai e a irmã mais velha da criança com deficiência não apresentavam sintomas de estresse, enquanto a avó materna participante do

estudo apresentava. Nesta direção, as autoras observam para a necessidade de continuidade de estudos que direcionem atenção ao estresse em famílias de crianças com deficiência e também em famílias de crianças com desenvolvimento típico, especialmente para a terceira geração desses grupos familiares.

## 2 Objetivo

Identificar a experiência de avós de crianças com deficiência intelectual e de crianças com desenvolvimento típico, acerca do cotidiano e das práticas de apoio exercidas no contexto familiar e sobre a percepção do estresse dentre as participantes do estudo.

## 3 Metodologia

Tratou-se de um estudo descritivo e comparativo, de abordagem qualitativa. Foram participantes do estudo 12 avós de crianças/adolescentes com deficiência intelectual e de crianças/adolescentes com desenvolvimento típico, vinculadas a instituições de ensino especial e/ou regular, localizadas em uma cidade do interior do estado de São Paulo, Brasil. As avós foram divididas em dois grupos: Grupo de Avós de Crianças com Deficiência Intelectual (GDI) e Grupo de Avós de Crianças com Desenvolvimento Típico (GDT). Tanto no grupo representado pelas avós de crianças com deficiência intelectual como no grupo representado pelas avós de crianças com desenvolvimento típico, cinco das avós participantes eram maternas e uma era paterna.

A idade das avós pertencentes ao grupo GDI variou de 44 a 90 anos, enquanto a das avós pertencentes ao grupo GDT variou de 61 a 74 anos. Com relação à ocupação das avós, em ambos os grupos todas referiram ser donas de casa, com exceção de uma participante de cada grupo, as quais declararam ser inspetora de alunos (avó do GDI) e faxineira (avó do GDT). Sobre o grau de instrução, no grupo GDI houve variação entre não possuir estudos e ter concluído o ensino fundamental, já no grupo GDT esta variação se deu entre não possuir estudos a ter estudado até a segunda série do ensino fundamental.

Acerca da situação conjugal, não houve variação entre os grupos, pois tanto no GDI como no GDT três avós declararam-se casadas, duas viúvas e uma separada. Observa-se ainda que metade das participantes de cada grupo não possuía um companheiro. Todas declararam possuir religião. Além disso, a distância da residência das avós à casa de seus netos no grupo GDI variou de

morar na mesma casa a 12 quilômetros, enquanto no grupo GDT a distância variou de 0,015 a 8,5 quilômetros aproximados.

Para a coleta de dados, foram utilizados dois roteiros de entrevistas semiestruturadas, um para as participantes do GDI e outro para as participantes do GDT. O roteiro destinado às avós do GDI era composto por 46 questões, enquanto o roteiro destinado às avós do GDT era composto por 40 questões. Em ambos os casos, as perguntas foram divididas em quatro sessões, a saber: eixo A, sobre si mesma e seu cotidiano; eixo B, sobre a mãe de seus netos; eixo C, sobre seu neto mais velho; e eixo D, sobre seu neto com deficiência (ou sobre seu neto com desenvolvimento típico mais novo). Os roteiros eram similares entre si, apresentando apenas algumas especificidades em relação ao desenvolvimento do neto mais novo (se típico ou com deficiência).

O eixo A contemplava questões referentes à rotina das avós, sobre suas necessidades, sobre os diferentes papéis que desempenham junto à família dos netos, sobre as mudanças ocorridas em sua própria vida e na vida dos familiares após o nascimento do neto com deficiência (ou do neto mais novo com desenvolvimento típico, no caso do GDT), dentre outras. O eixo B trazia questões referentes ao relacionamento da avó com a mãe de seus netos, como, por exemplo, sobre a forma como as avós enxergavam a criação dos netos pela mãe, sobre as mudanças observadas no comportamento da mãe com os outros filhos após o nascimento do neto com deficiência (ou do neto mais novo com desenvolvimento típico, no caso do GDT), dentre outros. No eixo C, as avós responderam sobre o relacionamento com o neto mais velho, as atividades que compartilham, as necessidades atuais do neto mais velho, dentre outras. Já no eixo D, as avós foram incentivadas a descrever sobre seu relacionamento com o neto com deficiência (ou do neto mais novo com desenvolvimento típico, no caso do GDT); como, por exemplo, sobre o que consideram acerca das maiores necessidades deste neto, o que gostam de fazer juntos e com quem podem conversar para falar sobre este neto, dentre outras. As avós também responderam ao Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSL) validado no Brasil em 1994 por Lipp e Guevara, a fim de verificar a presença, a fase do estresse e indicar quais tipos de sintomas são prevalentes, físicos ou psicológicos (LIPP; GUEVARA, 1994; LIPP, 2000).

Segundo a autora, os efeitos do estresse podem manifestar-se tanto na área somática como na cognitiva e têm variação de seriedade na medida em que as fases do estresse se agravam. A primeira fase é chamada de fase de alerta, a segunda fase, de resistência, a terceira, de quase exaustão e a quarta e última fase, de exaustão. Dessa forma, o inventário é composto por três partes, as quais englobam os sintomas físicos e psicológicos característicos das

quatro fases do estresse descritas. Na primeira parte, o respondente assinala os sintomas físicos e psicológicos vivenciados nas últimas vinte e quatro horas; na segunda parte, são respondidas questões dessa mesma natureza vivenciadas durante a última semana; na última fase, o respondente assinala de acordo com os sintomas vivenciados no decorrer do último mês (LIPP, 2000). O cálculo é realizado através da soma dos sintomas psicológicos e dos sintomas físicos assinalados pelo entrevistado em cada uma das etapas, referentes às últimas 24 horas, última semana e último mês. A partir do escore obtido com a soma das respostas, verifica-se qual fase e qual sintoma foi predominante, o que permite então a interpretação dos dados.

A proposta de pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar, sob parecer nº 186/2011). Além disso, as avós participantes assinaram a um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As participantes foram localizadas por meio de seus netos vinculados a instituições de ensino regular e/ou especial de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Como critério de inclusão, as avós deveriam residir na mesma cidade que os netos. Após essa identificação, foram enviados convites por meio das instituições de ensino. As avós que aceitaram participar da pesquisa foram então contatadas novamente a fim de que pudessem responder aos instrumentos utilizados para a coleta de dados. Todas optaram por fornecer tais respostas em suas próprias residências.

As entrevistas semiestruturadas foram analisadas utilizando-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010). O método prevê que por meio de um único discurso, a opinião de uma coletividade seja exposta, sem, no entanto, descaracterizar a natureza qualitativa de cada depoimento analisado e reunido para composição desse discurso coletivo. Dessa forma, busca-se recuperar, por meio da opinião dos indivíduos participantes, os atributos da dimensão coletiva contidos em cada fala (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010).

#### 4 Resultados

Ao falarem sobre o dia a dia, as participantes de ambos os grupos citam seus afazeres diários como o cuidado com a casa, com o marido e com o trabalho, e enfatizam para a ajuda que oferecem aos filhos e netos diariamente, como se observa a seguir:

Eu limpo a casa, faço comida, aí faço o meu serviço aqui em casa, comida, lavo alguma roupinha suja, vou por no varal, eu estendo tudo. É assim, vou fazendo o servicinho do dia a dia, então é normal, né? Limpar a casa, é essa luta. Vou fazendo o que tem que fazer. Aí, passo aqui, vejo ele [neto com deficiência] porque a mãe trabalha à noite, aí ela sai, porque ele não tem noção do que faz, né? O menininho, aí sempre eu tô no pé, sempre eu tô ajudando a olhar, né? Depois volto pra casa, depois venho de tarde outra vez, fico com ele até dez horas, dez e meia, aí eu desço pra ir pra minha casa, passo aqui e entrego os dois [criança com deficiência e irmão mais velho] (informação verbal)<sup>3</sup>.

A minha rotina, eu levanto cedo, aí se já tem roupa pra passar eu vou passar roupa, vou cuidando das coisas e daí por diante. Se alguma filha minha me chama pra ir lá, porque tem vez que ela me liga pra eu ficar com o menino, então eu já vou, né? Já levanto mais cedo, já cuido de tudo, já deixo o almoço feito pro meu marido, aí eu vou olhar o menino. Então, assim, quando eu tô aqui eu tô ajudando ela [mãe], quando eu tô na minha casa é na minha, o serviço meu quando amanhece o dia (informação verbal)<sup>4</sup>.

A partir desse relato, fica evidente o quanto as práticas de apoio às famílias dos netos estão presentes na rotina de atividades diárias das avós. O estudo de Oliveira e Matsukura (2013), ao investigar acerca do apoio social percebido pelas mães (ou outros cuidadores) de crianças com paralisia cerebral, a partir da aplicação do Questionário de Suporte Social (SSQ), revelou que as avós e os irmãos destas mães apresentam-se como a primeira e principal fonte de apoio social, seguidas dos filhos e do marido (OLIVEIRA; MATSUKURA, 2013).

A literatura tem indicado, ainda, que em famílias com filhos com desenvolvimento típico, os avós também se apresentam como fonte de suporte, principalmente às mães e às crianças e, dessa forma, desempenham um importante papel ao fornecerem, além de apoio prático e emocional, apoio nas interações familiares (DESSEN; BRAZ, 2000). Na mesma direção e em consonância com os resultados encontrados no presente estudo, as avós têm sido descritas na literatura nacional e na internacional como uma fonte de auxílio às famílias (DESSEN; BRAZ, 2000; MATSUKURA; YAMASHIRO, 2012; RAVINDRAM, REMPEL, 2011; TRUTE; WORTHINGTON; HIEBERT-MURPHY, 2008).

---

3 Trechos do DSC das avós do grupo GDI, categoria "Ênfase para as tarefas domésticas e para o cuidado dos netos".

4 Trechos do DSC das avós do grupo GDT, categoria "Ênfase para as atividades de ajuda aos familiares e tarefas domésticas".

Observa-se, ainda, que no presente estudo não houve diferenças notáveis em relação com o suporte oferecido pelas avós em ambos os grupos. O que se identifica é a existência de demandas específicas presentes nas famílias de crianças com deficiências. No entanto, isso não parece implicar em maior ou menor disposição de oferta de suporte por parte das avós.

Ainda que a disponibilidade do apoio seja evidenciada e considerando as variáveis envolvidas neste processo, as avós do presente estudo relatam sobre as dificuldades que enfrentam para auxiliar a família dos netos e citam questões financeiras, de saúde e a distância entre as moradias como as principais dificuldades. Entretanto, apesar das dificuldades encontradas, as avós revelam que deixam de lado questões pessoais para ajudar a família dos netos, como se observa a seguir:

Às vezes deixo, tem vez que deixo sim, faço o possível e o impossível pra ajudar. Eu corro, largo tudo e vou lá. Não importa, ela [a mãe] me chamando eu vou. Eles tendo, eu tenho (informação verbal)<sup>5</sup>.

Ah, tem que deixar, né? Deixo de lado quando eu tenho que sair, então eu já deixo aquela saída pra ir. Então, eu deixo sim porque os netos ou filha tá em primeiro lugar, então a gente deixa de fazer as coisas aqui pra fazer lá, porque eu tô fazendo alguma coisa, aí eu vejo que tá precisando de outra. Eu deixo aquilo pra poder ir ajudar! (informação verbal)<sup>6</sup>.

Sobre a ajuda fornecida aos filhos e netos pelos avós, no estudo realizado por Woodbridge, Buys e Miller (2011), os avós participantes revelam que tiveram um forte senso de responsabilidade e obrigação para com seus familiares ao descobrirem sobre a deficiência do neto e que voluntariamente mudaram seus planos pessoais com o objetivo de aproximar-se e estar mais aptos a apoiar os filhos. No entanto, apesar dos significativos sacrifícios, muitos avós citaram estar assumindo mais responsabilidades do que poderiam (WOODBRIDGE; BUYS; MILLER, 2011).

Verificou-se, a partir dos resultados do presente estudo, que essa realidade parece não ser específica de famílias de crianças com deficiência, mas característica do papel de ajuda desempenhado pela terceira geração à família. Assim, é possível apresentar a hipótese de que uma dimensão marcadamente cultural

---

5 DSC das avós do grupo GDI, categoria "As avós deixam questões pessoais para ajudar a família dos netos".

6 DSC das avós do grupo GDT, categoria "As avós deixam questões pessoais para ajudar a família dos netos".



precederia o fator de se ter um neto com problemas de saúde, por exemplo; a variável saúde ou desenvolvimento do neto ou de outros membros familiares parece estar ligada à quantidade ou forma de apoio e não sobre determinar as prioridades, na medida em que dar prioridade à família descendente parece ser um forte componente da cultura em pauta. Assim, observa-se que em ambos os grupos familiares estudados, as avós apresentam-se como importante fonte de ajuda à família e aos netos, o que corrobora com os dados encontrados na literatura de famílias de crianças com desenvolvimento típico e de crianças com deficiência, embora as avós de crianças com deficiência pareçam realizar práticas de apoio específicas de tal realidade, como já descrito anteriormente (ARAÚJO; DIAS, 2002; LEE; GARDNER, 2010; RAVINDRAN; REMPEL, 2011).

A partir da aplicação do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL) (LIPP, 2000), observou-se que cinco das seis avós participantes do GDI pontuaram para a presença de sintomas de estresse e apenas uma não pontuou. Já no GDT, cinco das avós participantes não pontuaram para a presença de sintomas de estresse e somente uma pontuou. Dentre as avós que evidenciaram sintomas de estresse, nota-se que no GDI três encontravam-se na fase de resistência e duas na fase de quase exaustão; a avó pertencente ao GDT também se encontrava na fase de resistência. Quanto aos tipos de sintomas predominantes, três avós do GDI apresentaram sintomas físicos, uma apresentou sintomas psicológicos e uma apresentou ambos os sintomas, enquanto a avó participante do GDT também apresentou predominância de sintomas físicos.

Assim, cinco das seis avós de crianças com deficiência participantes encontram-se estressadas, enquanto apenas uma, das seis avós de crianças com desenvolvimento típico, encontra-se estressada. Dessa forma, analisando os resultados do ISSL unicamente a partir da ótica de se ter uma criança com deficiência na família, estes reforçariam os achados da literatura internacional, os quais discutem, por exemplo, que o cuidado que os avós de crianças com deficiência concedem às famílias e ao neto os expõe a estresse e experiências pelas quais não estão preparados para lidar (GARDNER; SCHERMAN, 1994; LEE; GARDNER, 2010).

Contudo, acredita-se que é preciso somar elementos na identificação de variáveis que também possam estar presentes no processo de estresse, uma vez que no presente estudo apenas a condição de estresse foi identificada e não as correlações. Assim, apontam-se algumas hipóteses como a questão da distância entre a moradia dos netos e das avós, a situação socioeconômica das famílias e a variação de idade das avós. Tais variáveis podem também estar

implicadas na condição de estresse dessas mulheres e/ou somadas à realidade de cuidado e preocupações com a família do filho/neto com deficiência podem expor às avós a maior estresse.

Entretanto, embora os resultados obtidos com a aplicação do ISSL tenham sido discrepantes entre os grupos, observa-se a seguir que os resultados qualitativos, obtidos a partir das falas das avós participantes de ambos os grupos (GDT e GDI) evidenciam que estas se sentem frequentemente estressadas e citam como principais motivos problemas de saúde e a preocupação com os filhos, com os netos e com o marido:

Eu gosto muito dos netos, sou muito apegada e eu fico preocupada com tudo sabe? [...] Às vezes, me estressa deles não me ouvirem. Eu acho que o pessoal lá de fora me ouve mais do que eles aqui em casa, minha filha, os netos, o D. [criança com deficiência] que dá bastante trabalho, às vezes eu fico muito brava, depois eu me arrependo porque eu me ponho no lugar dele, então eu me sinto estressada sim, bastante e por esses mesmos motivos, problemas com meus filhos e com o relacionamento deles com a esposa também, né? [...] aí eu tenho que correr com o remédio antidepressivo pra poder me controlar porque senão eu não aguento (informação verbal)<sup>7</sup>.

Ai, bastante. Nossa, meu marido me deixa [...] Então eu me sinto. E também por causa dos filhos, né? Como que fulano tá? Cicrano, será que ele tá passando bem? Ele saiu e foi viajar, será que já chegou? Então a gente se estressa, né? Se estressa porque fica pensando, se preocupa muito, sei lá a gente já tem idade, [...] a gente quer ter alguma coisa pra dar, pra dar um conforto de melhor para um filho não pode, não pode dar um conforto melhor pra um filho, não pode dar uma ajuda pra um neto, não pode fazer nada e a gente trabalha a vida inteira. Isso estressa bastante (informação verbal)<sup>8</sup>.

Em concordância com tais resultados, o estudo de Fortes-Burgos, Neri e Cupertino (2009), que buscou identificar os principais eventos estressantes entre idosos brasileiros, revelou que o segundo evento causador de estresse mais citado entre os idosos foi aquele relacionado aos problemas que afetam seus descendentes, como os filhos e os netos. No estudo de revisão bibliográfica, realizado por Ramos (2002), ao falar sobre os benefícios do suporte familiar à saúde do idoso, a autora afirma que a literatura tem apontado para o fato de

---

7 Trechos do DSC das avós do grupo GDI, categoria "O estresse das avós é decorrente de problemas relacionados aos seus filhos e netos".

8 Trechos do DSC das avós do grupo GDT, categoria "O estresse das avós é decorrente de problemas com os filhos, com os netos, com o marido e por questões financeiras".

as relações sociais atuarem positivamente para a melhora e a manutenção da saúde física e mental dos idosos, além de auxiliarem na moderação do estresse e na redução dos efeitos negativos do mesmo à saúde mental. Assim, os idosos que não possuem uma rede de suporte fortalecida tendem a ter maior dificuldade para lidar com o estresse, quando comparados àqueles que possuem tal rede de apoio familiar. Além disso, a ausência de familiares próximos como o cônjuge e os filhos está associada a doenças e à mortalidade entre pessoas idosas (RAMOS, 2002).

Os resultados do presente estudo, acerca do suporte social recebido, parecem confirmar os relatos da literatura, à medida em que se observou que as avós participantes de ambos os grupos do presente estudo citam poder contar com os filhos, com amigos e com outros conhecidos, como exemplo os vizinhos, quando desejam falar sobre si ou sobre os netos (RAMOS, 2002; LEITE et al., 2008):

Ah, tem que conversar com a própria mãe deles [netos]. E eu converso com a minha filha [tia das crianças]. Também tenho uma amiga do trabalho, ela tem me ajudado bastante (informação verbal)<sup>9</sup>.

Com os meus filhos, né? Às vezes dá conselho. Também com o meu marido, né? A gente fala... ou eu também converso com os vizinhos, com as vizinhas, isso daí (informação verbal)<sup>10</sup>.

Nessa direção, seria possível que os níveis de estresse verificados fossem ainda maiores caso o suporte social não estivesse disponível. Encontram-se na literatura estudos que abordaram os benefícios do suporte social na realidade de idosos brasileiros (RAMOS, 2002; BRANDÃO et al., 2006; LEITE et al., 2008). O estudo realizado por Leite et al. (2008) em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul revelou que o suporte social recebido pelos idosos é extremamente benéfico para seu estado de saúde, sendo que dentre os vários tipos de suporte social, os autores citam que o suporte emocional, como a capacidade de ouvir os idosos ao permitir que eles compartilhem seus sentimentos sobre acontecimentos da vida ou sobre si próprios, apresenta-se como algo importante para a manutenção da saúde e da qualidade de vida. Não obstante, embora

---

9 Trechos do DSC das avós do grupo GDI, categoria "As avós conversam com os filhos e com amigos".

10 Trechos do DSC das avós do grupo GDT, categoria "As avós conversam com os filhos, marido e vizinhos".

este estudo não tenha investigado a satisfação das avós com o suporte recebido e tampouco a necessidade de outro tipo de apoio na opinião das mesmas, acredita-se, a partir do relato das próprias avós, que tal suporte pareceu ser fator resultante em benefícios à saúde mental e física destas.

Contudo, de acordo com Ramos (2002), estudos apontam sobre a possibilidade de efeitos negativos à saúde dos idosos quanto ao suporte familiar recebido. Dentre esses efeitos, as trocas intergeracionais desiguais, isto é, receber mais ajuda do que oferecê-la ou vice-versa, poderiam aumentar o estresse e diminuir a autoestima dos idosos. Nessa direção, a autora argumenta que condições financeiras mais favoráveis diminuiriam a discrepância entre tais trocas intergeracionais, o que repercutiria diretamente na diminuição do estresse e no aumento da autoestima do idoso. Tal dado apresenta-se como outra variável presente nesse processo. Assim, diante do exposto apresenta-se a hipótese de que o fato de as famílias de crianças com deficiência intelectual possuírem situação socioeconômica relativamente mais desfavorável, se comparadas às famílias de crianças com desenvolvimento típico participantes do presente estudo, possa contribuir para a ocorrência de trocas de apoio intergeracional desiguais e também para o aumento do estresse. Esses fatos talvez não estejam diretamente relacionados à condição de se ter uma criança com deficiência na família.

Estudos recentes acerca do papel de mediação do suporte social diante do estresse têm apontado que a satisfação com o suporte recebido é a variável de maior impacto no processo de mediação, maior até que a quantidade de suporte social disponível (MATSUKURA et al., 2007; BRANDÃO et al., 2006). Assim, aponta-se para a importância de continuidade de estudos que possam aprofundar a compreensão de tais processos na realidade de idosos brasileiros em diferentes situações de vida. Além da continuidade nos estudos, considera-se que as evidências acerca do papel do suporte social na mediação do estresse e os resultados aqui encontrados indicam a necessidade de direcionar atenção aos idosos, principalmente no que diz respeito à ampliação e à qualidade do suporte social disponível a essa população não apenas no contexto familiar para que as condições de saúde e qualidade de vida possam ser maximizadas.

## 5 Considerações finais

Observou-se que as práticas de apoio exercidas no contexto familiar integram o cotidiano das avós. Destaca-se ainda que embora o auxílio ministrado em ambos os grupos tenha sido considerado em situações específicas e

de natureza distinta, tais práticas exercidas representam importante fonte de apoio às mães de crianças com deficiência e também de crianças com desenvolvimento típico, visto que a terceira geração auxilia no cuidado da criança mais nova, assim como em outras atividades do dia a dia destas famílias. Além disso, a partir do relato das avós participantes, os sintomas do estresse parecem estar presentes em suas vidas, independente da condição de se ter ou não um neto com deficiência.

Contudo, o estudo apresenta limitações no que se refere ao número de participantes envolvidos. Assim, aponta-se para a necessidade de novos estudos que aprofundem o tema com um maior número de participantes, para que seja possível compor um panorama mais abrangente da situação vivenciada pelas avós ao se considerar um maior número de variáveis. Além disso, reforça-se ainda a necessidade de estudos futuros que possam também ampliar a compreensão acerca da influência de se ter um neto com deficiência no cotidiano das idosas e a relação estabelecida entre a ajuda oferta à família do neto e o estado de saúde e bem estar das avós.

DAILY LIFE AND STRESS OF GRANDMOTHERS  
OF CHILDREN WITH DISABILITIES  
AND OF GRANDMOTHERS OF CHILDREN  
WITH TYPICAL DEVELOPMENT

abstract

The increase in life expectancy and declining birth rates have meant that for a longer period of time generations can interact and relate. However, the effects of this contemporary change has yet been the subject of few studies. The purpose of this study was to identify the experience of grandmothers of children with intellectual disabilities and of children with typical development, about the daily life and support practices carried out in the family context and the perception of stress among the study participants. The qualitative and comparative study had the participation of twelve grandmothers of children with intellectual disabilities or children with typical development. The grandmothers were separated into two groups and answered a semi-structured interview and a stress assessment instrument. The results indicated that grandmothers are an important source of help to families, providing different types of assistance. In addition, according to the report of the grandmothers, they are stressed regardless of the grandchild condition if disabled or not. The need for future studies is reinforced to expand

the understanding of the daily lives of grandmothers, measuring stress and identify the sources of social support received.

#### key words

Grandmothers. Children with Disabilities. Stress.

#### referências

ARAÚJO, Mayeve Rochane Gerônimo Leite; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 7, n. 1, p. 91-101, jan. 2002.

BRANDÃO, Lenisa et al. Narrativas intergeracionais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 98-105, 2006.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. Presidência da República. *Dados sobre o envelhecimento no Brasil*. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/dados-sobre-o-envelhecimento-no-brasil>>. Acesso em: 5 nov. 2014.

DESSEN, Maria Auxiliadora; BRAZ, Marcela Pereira. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 16, n. 3, p. 221-231, set./dez. 2000.

FORTES-BURGOS, Andréa Cristina Garofe; NERI, Anita Liberalesso; CUPERTINO, Ana Paula Fabrino Bretas. Eventos de vida estressantes entre idosos brasileiros residentes na comunidade. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 14, n. 1, p. 69-75, jan./abr. 2009.

GARDNER, James Emmet; SCHERMAN, Avraham. Grandparents' beliefs regarding their role and relationship with special needs grandchildren. *Education & Treatment of Children*, Morgantown, WV, v. 17, p. 185-196, 1994.

GRISANTE, Priscila Crespilho; AIELLO, Ana Lúcia Rossito. Interações familiares: observação de diferentes subsistemas em família com uma criança com Síndrome de Down. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 18, n. 2, p. 195-212, abr./jun. 2012.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; CASARA, Miriam Bonho; CORTELLETTI, Ivonne Assunta. Impactos da longevidade na família multigeracional. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 7-28, 2007.

LEE, Misuk; GARDNER, James Emmet. Grandparents' involvement and support in families with children with disabilities. *Educational Gerontology*, New York, v. 36, n. 6, p. 467-499, Apr. 2010.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. *Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo*. Brasília: Liber Livro, 2010.

LEITE, Marinês Tambara et al. Idosos residentes no meio urbano e sua rede de suporte familiar e social. *Texto e Contexto: Enfermagem*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 250-257, abr./jun. 2008.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. *Manual do inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp (ISSL)*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes; GUEVARA, Arnoldo Jose de Hoyos. Validação empírica do Inventário de Sintomas de Stress (ISS). *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 11, n. 3, p. 43-49, set. 1994.

LUFT, Caroline Di Bernardi et al. Versão brasileira da Escala de Estresse Percebido: tradução e validação para idosos. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 606-615, ago. 2007.

MATSUKURA, Thelma Simões et al. Estresse e suporte social em mães de crianças com necessidades especiais. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 13, n. 3, p. 415-428, set./dez. 2007.

MATSUKURA, Thelma Simões; YAMASHIRO, Juliana Archiza. Relacionamento Intergeracional, Práticas de Apoio e cotidiano de famílias de crianças com necessidades especiais. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 18, n. 4, p. 647-660, out./dez. 2012.

OLIVEIRA, Alyne Kalyane Câmara de; MATSUKURA, Thelma Simões. Estresse e apoio social em cuidadores de crianças com paralisia cerebral. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 493-503, set./dez. 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Envelhecimento Ativo: uma política de saúde. Tradução: Susana Gontijo. Brasília: Organização Pan Americana de Saúde, 2005.

RAMOS, Marília Patta. Apoio social e saúde entre idosos. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, n. 7, p. 156-175, jan./jun. 2002.

RAVINDRAN, Vinitha Paul; REMPEL, Gwen R. Grandparents and siblings of children with congenital heart disease. *Journal of Advanced Nursing*, Oxford, v. 67, n. 1, p. 169-175, Jan. 2011.

SOUZA-TALARICO, Juliana Nery de Souza et al. Sintomas de estresse e estratégias de coping em idosos saudáveis. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 803-809, Dec. 2009.

TRUTE, Barry; WORTHINGTON, Catherine; HIEBERT-MURPHY, Diane. Grandmother support for parents of children with disabilities: gender differences in parenting stress. *Families, Systems, & Health*, Vernon, NJ, v. 26, n. 2, p. 135-146, June 2008.

WOODBIDGE, Sandra; BUYS, Laurie; MILLER, Evonne. 'My grandchild has a disability': impact on grandparenting identity, roles and relationships. *Journal of Aging Studies*, New York, v. 25, n. 4, p. 355-363, Dec. 2011.

Recebido: 24/10/2013  
Aceite Final: 16/11/2015